



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO ESPECIAL

JAKELINE SANTANA SILVA

**FAMÍLIA OUVINTE E FILHO SURDO: UM LEVANTAMENTO
BIBLIOGRÁFICO**

São Carlos

2021

Jakeline Santana Silva

**FAMÍLIA OUVINTE E FILHO SURDO: UM LEVANTAMENTO
BIBLIOGRÁFICO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Universidade Federal de São Carlos, como requisito básico para a conclusão do curso de Licenciatura em Educação Especial.

Orientadora: Profa. Dra. Lara Ferreira dos Santos

São Carlos

2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO ESPECIAL

**FAMÍLIA OUVINTE E FILHO SURDO: UM LEVANTAMENTO
BIBLIOGRÁFICO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Universidade Federal de São Carlos, como requisito básico para a conclusão do curso de Licenciatura em Educação Especial.

Aprovado em 23 de novembro de 2021.

BANCA EXAMINADORA

Profª. Dra. Mariana de Lima Isaac Leandro Campos - UFSCar

Profª. Ms. Milena Maria Pinto - UFSCar

Profª. Dra. Lara Ferreira dos Santos - UFSCar (orientadora)

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus, fonte e exemplo de amor, perdão e bondade, agradeço a espiritualidade por ser uma fonte de conforto nos meus momentos de desesperança e por ter me dado auxílio e proteção;

Agradeço à minha avó Ana Maria, minha mãe Elizângela e minha tia Elande pela presença, por todo cuidado, amor, carinho, dedicação e por confiarem em mim mesmo quando pensei em desistir;

Agradeço ao meu pai e meu padrasto pelo auxílio que me deram e pelas vezes que me definiram como motivo de orgulho;

Agradeço à minha psicóloga Juliane que me acompanha desde a adolescência e minha terapeuta Nathália por me ajudarem com minhas questões mais profundas e me guiarem para enxergar o mundo e a vida com outros óculos.

Agradeço às minhas amigas Carol, Babi, Karine, Laura e Ro por me escutarem sem julgamentos, por pegarem na minha mão quando acreditei estar só e pelas infinitas gargalhadas.

Agradeço muito a minha orientadora Lara por toda paciência, cumplicidade e compreensão das minhas inseguranças. Obrigada por aguardar o meu tempo!

Agradeço a Mariana Campos e Milena Maria pela disponibilidade, por terem aceitado o meu convite e toparem fazer parte da banca e contribuírem com conhecimento.

Agradeço às meninas da EESP Jr. em especial a Sati, Lu, Bia e Lo por me encorajarem a superar desafios, sou muito feliz pela existência desse projeto que foi primordial na minha descoberta profissional e por todos os momentos de distração, diversão e aprendizados que tive e me fizeram ver que esses dois anos não foram um atraso, mas sim um avanço.

Agradeço aos professores, pedagogas e TAs da Educação Especial por serem tão acolhedores, humanos e por todo conhecimento que me transmitiram nesses anos de graduação.

Sou grata a todos que de certa forma me auxiliaram nessa jornada e tornaram esse sonho possível.

*“Eu sou o sonho dos meus pais, que eram sonho dos avós
Que eram sonhos dos meus ancestrais
Vitória é o sonho dos olhares, que nos aguardam nos lares
Crendo que na volta somos mais”
(Emicida)*

RESUMO

Quando uma criança nasce é no contexto familiar que ela buscará suas referências e desenvolverá suas habilidades sociais, intelectuais e comunicacionais primárias. Dessa forma, a família desempenha um significativo papel social e afetivo na vida desse indivíduo. Desse modo, é nessa interação família-criança que se desenvolve a linguagem para que ocorra a comunicação nesse meio. A criança surda tendo os seus progenitores ouvintes estará inserida em uma cultura e língua que não tem acesso, assim a família terá que aceitar essa criança e buscar aprender sobre sua cultura e sua língua para que esse indivíduo se desenvolva psicologicamente, socialmente e emocionalmente. Nesse contexto, o presente trabalho tem como objetivo identificar as pesquisas produzidas sobre familiares de surdos e língua de sinais, no Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), *Scientific Electronic Library Online* - ScieELO e Google Acadêmico nos últimos dez anos (2011 até abril de 2021). Ao final do levantamento totalizou-se 21 artigos para serem analisados, que versam sobre familiares ouvintes, filhos surdos e língua de sinais. Apesar de ser uma temática pouco pesquisada, os estudos indicam que o diagnóstico precoce com uma boa orientação e acompanhamento profissional junto aos familiares, diminui a sensação de culpa, pensamentos e desconhecimento acerca do indivíduo surdo e sua cultura. Sendo assim, uma rede familiar com orientação e suporte necessário para respeitar a língua e a subjetividade do sujeito surdo, potencializando laços afetivos e vínculos familiares, estes são importantes para o desenvolvimento pleno da criança surda.

Palavras-chave: Comunicação. Interação. Família ouvinte. Surdez. Libras. Educação Especial.

ABSTRACT

When a child is born it is in the family context that all the firsts references take place. Is where the child will learn and develop his primary social, intellectual and communication skills. Therefore, the family plays a significant social and affective role in this individual's life. The importance of the family for the care and development of a child is unquestionable, as it is in this environment that their first interaction with the world and the education of their social identity begins. A deaf child with hearing parents will be placed in a culture and language that they do not have access to, so the family will have to accept this child and learn about their culture and language so that this individual can develop socially, psychologically and emotionally. The present study aims to identify the researches produced about deaf relatives and sign language, in the portal of CAPES, Scielo and Google Scholar Journals in the last ten years, (2011 - 2021). At the end of the survey, were founded an amount of 21 articles that put in discussion hearing family members with deaf children and sign language. Despite being a low researched topic, studies indicate that early diagnosis with good guidance and professional follow-up with family members it reduces the sense of guilt, thoughts and ignorance about the deaf individual and their culture, being a family network with the necessary guidance and support to respect the language and subjectivity of the deaf individual, improving the affective and family ties that are so important for the full development of the deaf child.

Keywords: Communication. Interaction. Hearing family. Deafness. Libras. Special education

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Quantificação dos resultados encontrados nos portais de pesquisa	21
Quadro 2 - Caracterização dos artigos encontrados e analisados	21

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
1.1 FAMÍLIA E SURDEZ	12
1.2 A LÍNGUA DE SINAIS E O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA SURDA	15
1.3 OBJETIVOS	19
2. METODOLOGIA	20
2.1 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA	20
2.2 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS	20
2.3 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO	20
2.4 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS	21
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO	24
3.1 DIAGNÓSTICO E ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL AOS PAIS E FAMILIARES DE SURDOS	24
3.2 AS RELAÇÕES E INTERAÇÕES FAMÍLIA OUVINTE E FILHOS SURDOS	26
3.3 DESENVOLVIMENTO DO SUJEITO SURDO	30
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS	35

APRESENTAÇÃO

Sempre tive um forte interesse pela área da educação e humanidades no geral; na época dos vestibulares, psicologia e ciências sociais eram minhas primeiras opções, pois tinha um grande interesse em descobrir como funcionavam as relações sociedade-indivíduo e a influência que um tinha sob o outro.

Conversando com um professor do cursinho da Ufscar fiquei sabendo da existência do curso de Licenciatura em Educação Especial, pesquisei a grade curricular e logo de início me interessei pelo curso, pelo fato de relacionar educação, desenvolvimento humano e humanidades. Claro que tive uma identificação pessoal devido ao fato de durante a minha infância eu ter tido algumas vivências com algumas crianças com deficiência dentro do meu círculo familiar, sendo uma delas surda.

Ao ingressar na faculdade e no curso de Educação Especial, passei por diversos momentos de insegurança e algumas dificuldades acadêmicas, principalmente pelo fato de toda minha trajetória escolar ter sido em rede pública, então conhecimentos mais técnicos e científicos exigidos na escrita acadêmica se tornaram um pouco aterrorizante pra mim, mas que foram passando com o tempo.

Meu interesse inicial pela área da surdez surgiu no final de 2017, quando tive minhas primeiras disciplinas que abordavam sobre o assunto, que acabou coincidindo com uma disciplina que falava sobre família e inclusão, que também era um grande tema de interesse, a partir daí comecei refletir sobre como poderia relacionar ambas as coisas que me interessava.

No final de 2018 escolhi a temática Família-Escola como pesquisa temática para o meu TCC, porém, insatisfeita com o tema, resolvi buscar a orientação da professora Lara para vermos a possibilidade de mudar o meu tema para "Família e Surdez". Inicialmente a pesquisa seria realizada com um grupo de pais que frequentavam uma escola bilíngue para aprender a Libras e diminuir as barreiras comunicacionais existentes no núcleo familiar. Mas acabei trancando o TCC por problemas pessoais e quando retornei para a pesquisa já estávamos em um contexto pandêmico da COVID-19, e acabamos optando por fazer uma pesquisa de caráter bibliográfico, tendo como objetivo identificar as pesquisas produzidas sobre familiares de surdos e língua de sinais. É disto que trataremos neste estudo.

No primeiro capítulo introduzimos sobre a importância da família para o desenvolvimento da criança e suas habilidades sociais, o processo de luto e enfrentamento

na descoberta de que o filho tem uma deficiência e por fim abordo sobre a regulamentação da Libras, a língua de sinais e o desenvolvimento da criança surda. Já no segundo capítulo traz os aspectos metodológicos da pesquisa em que se destaca o tipo de pesquisa e os procedimentos de coleta e análise de dados.

Os resultados e discussões são tratados no terceiro capítulo em que discorre sobre o diagnóstico e orientação aos familiares de surdos, as relações e interação entre a família e o indivíduo surdo e o desenvolvimento do sujeito surdo.

Por fim, no quarto capítulo trazemos as considerações finais que apontam lacunas e caminhos e esperamos que este trabalho possa trazer contribuições para familiares, profissionais e pesquisas futuras dentro da temática.

1. INTRODUÇÃO

1.1 Família e Surdez

Quando uma criança nasce é no contexto familiar que ela irá buscar suas referências e desenvolver suas primeiras habilidades sociais, intelectuais e comunicacionais. Dessa forma, a família desempenha um significativo papel social e afetivo na vida desse indivíduo. É indiscutível a importância da família para o cuidado e desenvolvimento de uma criança, pois é nela que ocorre sua primeira interação com o mundo.

Glat (1996), destaca que é no ambiente familiar que ocorre a primeira interação do sujeito e a formação da sua identidade social, em geral a sua socialização secundária acontece na fase escolar com um grupo social mais amplo e sua inclusão social decorrerá dessa primeira interação no contexto familiar. É nessa interação família-criança que se desenvolve uma linguagem para que ocorra uma comunicação nesse ambiente. O choro, por exemplo, é a primeira forma de comunicação para expressar suas necessidades fisiológicas, criando posteriormente uma forma mais eficaz de comunicação.

Para Vygotsky (1989), o adulto apresenta para a criança o significado de uma palavra, logo que ele não consegue transmitir a sua forma de pensar. Desse modo, a criança criará a partir de suas vivências um sentido complexo com base nas suas experiências pessoais. Por isso, é importante que para um desenvolvimento satisfatório da criança, o ambiente familiar inclua a participação dos pais efetivamente na estimulação da comunicação.

Segundo Negrelli e Marcon (2006, p. 99), “[...]normalmente e por toda vida, a família vai proporcionar a perfeita satisfação física ou moral dos seus filhos, sendo que, para isso, ela deve respeitar, conhecer e entender as diferenças existentes entre eles”.

Existem famílias que ao passarem por problemas em suas interações podem manifestar confusão e estranheza ao lidarem com as suas relações, prejudicando a relação familiar. Rodriguero e Yaegashi (2013), afirmam que durante a gestação a família sonha e espera pelo nascimento de uma criança perfeita e sadia, por essa razão a descoberta de uma deficiência gera um grande sofrimento.

Segundo Negrelli e Marcon (2006),

A chegada de um membro portador de alguma deficiência acarreta mudanças substanciais no interior da família. Essas mudanças são apontadas como um tempo de adaptação da família à nova situação, como um período que pode ser mais longo e mais difícil conforme a estrutura e características de cada família. (NEGRELLI; MARCON, 2006, p. 101).

Todo esse processo de luto com uma variedade de sentimentos e questionamentos é vivenciado de uma maneira diferente por cada membro da família, sendo um processo complexo e porventura regressivo. Rodriguero e Yaegashi (2013) relatam que seja qual for a família, existirão momentos determinantes e mudanças de ciclo, como o nascimento de mais um filho, início da vida escolar, dentre outros fatores que irão ocasionar tensão e estresse. E para a família que tem um filho com deficiência essas mudanças de ciclo podem ser mais críticas. De acordo com Silva (1988), quanto a revelação do diagnóstico do bebê, é importante que seja realizado da melhor forma possível, da maneira mais adequada para que a situação de desamparo enfrentada pelos pais seja menos impactada.

Em famílias em que o processo de desenvolvimento da criança e dos familiares é considerado típico, é provável que existam momentos de dificuldades e desequilíbrios, tido como processo normal em relações. Ao serem notificados que tiveram um bebê com algum tipo de deficiência, ou que existe a possibilidade de atraso no desenvolvimento, é comum que os pais enfrentam muitas dificuldades, principalmente no sentido de manter interações com seus bebês, devido a fatores emocionais (RODRIGUERO; YAEGASHI, 2013).

De início, existe um período de choque, de tristeza, ansiedade que geralmente os autores apontam como se fosse um luto, as famílias ficam frustradas por aquela criança “perfeita” que foi idealizada durante a gestação, que não nasceu. Após esses períodos difíceis, começam gradualmente a ocorrer uma reorganização na direção da aceitação de seu bebê. (TAVEIRA, 1995).

Na maioria das famílias a primeira língua da criança é a língua dos familiares, de seus genitores. Desse modo, as crianças surdas com pais surdos são expostas à língua de sinais desde o início, adquirindo-a sem dificuldades, de modo natural. Rodriguero e Yaegashi (2013) apontam que as crianças surdas de pais surdos possuem melhor desenvolvimento psicológico e acadêmico em comparação às crianças surdas cujos pais são ouvintes. Isso porque os pais surdos têm maior conhecimento sobre a surdez e aceitam os filhos como são. Outro elemento fundamental é a comunicação em língua de sinais entre os pais e a criança, que possibilita sua constituição como sujeito social.

Quando se trata do papel da família da criança surda, Negrelli e Marcon (2006, p. 100) explicitam que:

[...] no cuidado a uma criança surda, é necessário considerarmos os vários subsistemas componentes na família, que são independentes e desenvolvem relações únicas, e que todos os membros, inclusive a criança, influenciam e alteram esse sistema. Ela, portanto, não é mera receptora dos padrões sociais oriundos do meio ambiente.

Ou seja, a criança surda tendo os seus progenitores ouvintes estará inserida em uma cultura e língua que não tem acesso, dessa forma a família terá que aceitar essa criança e buscar aprender sobre sua cultura e sua língua para que esse indivíduo se desenvolva psicologicamente, socialmente e emocionalmente. Negrelli e Marcon (2006) consideram que o surdo é um sujeito bilíngue por ter uma língua, cultura e identidade própria, dessa maneira sua primeira língua é a de sinais, e a segunda é a língua portuguesa. Afirmam ainda que, para que ocorra o desenvolvimento da sua linguagem e sua cognição, a criança surda deve ser exposta a língua de sinais desde os seus primeiros anos de vida. Com isso, as autoras apontam que para além da dificuldade de aceitação do filho, há também um obstáculo comunicacional e assim, a família dessa criança se frustra por não compreender suas necessidades.

A maioria dos indivíduos surdos é exposta primeiro à linguagem oral, apesar da importância da língua de sinais. Um fator que dificulta é o fato de a criança surda não dominar e nem ter experiências linguísticas ricas na língua de sinais, podendo causar significativo atraso de linguagem. E como a maioria das famílias é ouvinte, as crianças surdas acabam tendo poucas oportunidades para adquirir a língua de sinais.

Quando identificada a perda auditiva logo no início e realizada uma intervenção precoce e orientação adequada aos pais, o desenvolvimento da criança surda dá um salto em relação ao processo de adaptação na sociedade. O adulto é a peça central nesse processo, responsável por estabelecer e facilitar a comunicação e as trocas comunicativas no dia a dia, visto que para Vygotsky (1989) a criança criará a partir de suas vivências um sentido complexo para as palavras com base nas suas experiências pessoais. Por isso, é importante que para um desenvolvimento satisfatório da criança, o ambiente familiar inclua a participação dos pais efetivamente na estimulação da comunicação.

Marchesi (1996) destaca que nesse processo de aquisição de linguagem, os gestos, as trocas de olhares, as conversas realizadas e mantidas sobre materiais e objetos do cotidiano são fatores que colaboram de maneira muito significativa para a criança surda estabelecer uma linguagem fluente e satisfatória.

Negrelli e Marcon (2006, p. 104) certificam que a comunicação entre pais e filhos

[...] é necessária em razão das consequências positivas na relação familiar, tais como presença de mais afeto, mais confiança e amadurecimento das relações. A ausência ou limitação na comunicação do surdo com sua família promove a formação de um ser isolado e que sofre com a incompreensão. Esse indivíduo é privado dos bate papos informais dentro de casa, das discussões sobre assuntos familiares e dos conselhos dos pais, e isso contribui para que o mesmo seja considerado uma pessoa agressiva ou inadequada.

Desse modo, pode-se sustentar que quanto antes a família tiver orientação profissional, aprender a língua de sinais e compreender a diversidade linguística e cultural melhor será o desenvolvimento do seu filho e as relações entre os membros.

1.2 A língua de sinais e o desenvolvimento da criança surda

A Língua Brasileira de Sinais (Libras), foi reconhecida como um meio legal de comunicação e expressão em 24 de abril de 2002, pela Lei 10.436, a qual caracteriza como “forma de comunicação e expressão, em que o sistema lingüístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema lingüístico de transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil” (BRASIL, 2002). Pode-se dizer que esse foi um dos direitos mais importantes conquistado pela comunidade surda, pois todo o poder público, instituições e concessionárias de serviços públicos e de assistência à saúde, passaram a ter o dever de garantir o atendimento e tratamento adequado para as pessoas surdas, uma vez que, depois da língua de sinais passar por rigorosos e inúmeros estudos científicos pôde ser considerada uma língua natural e com as mesmas estruturas linguísticas das línguas orais (HARRISON, 2011).

A Libras teve sua influência de origem a língua de sinais francesa, pois durante a época colonial e de criação das primeiras escolas para surdos no Brasil, os educadores surdos que aqui chegaram, eram franceses e falantes dessa língua, e assim aconteceu a criação das

primeiras escolas para surdos no Brasil. E apesar de já encontrarem uma comunidade surda com uma língua de sinais local, durante o processo de escolarização formal as duas línguas acabaram se mesclando e criando semelhanças que são presentes até os dias atuais, ainda que ambas sejam autônomas e possuam suas próprias manifestações culturais (HARRISON, 2011).

Com a oficialização da Libras e de outras políticas abrem-se caminhos e discussões teóricas e profissionais sobre a educação de surdos. De um lado os que acreditam que o oralismo é o melhor caminho para a inclusão dos surdos na sociedade ouvinte e do outro profissionais e teóricos que afirmam que a língua de sinais é a língua natural dos surdos e que esta é a melhor maneira para respeitar o desenvolvimento linguístico e formação da identidade desses sujeitos (DIZEU; CAPORALI, 2005).

De acordo com Dizeu e Caporali (2005, p. 585), mesmo com o avanço das tecnologias assistivas como aparelhos auricular, próteses e o implante coclear, ainda assim esses recursos não garantem um desenvolvimento linguístico, de identificação cultural do sujeito surdo, além de não ser acessível para todos, considerando a realidade social e econômica brasileira. E ao adquirir esses recursos não é assegurado que esses indivíduos serão oralizados e terão plena participação social, pelo fato da sua língua natural ser a língua de sinais.

Partindo desses pressupostos, nasceu uma ampla gama de estudos e discussões junto à comunidade surda sobre a aquisição da língua de sinais na perspectiva Vygotskyana e histórico-cultural da educação, o desenvolvimento cognitivo e a socialização da criança nesta abordagem estão relacionados, fundamentalmente, à aquisição da linguagem, que ocorre de maneira progressiva de modo que criança vai dominando os instrumentos mentais produzidos pelo homem no decorrer da história, na sua convivência em sociedade e das interações com os adultos que a cercam.

Portanto, a linguagem desempenha um papel valoroso na percepção, pois a criança não compreende o mundo apenas através dos olhos, mas de uma rede de significados na comunicação, sendo essa quem desempenha funções na reorganização da percepção e na criação de novas relações entre as funções psicológicas e assim ocorrendo seu desenvolvimento cognitivo (RODRIGUERO, 2000).

Vygotsky (1998) apud Rodriguero (2000, p. 105), destaca que o curso do desenvolvimento do pensamento não sai do individual para o socializado, mas sim do social para o individual e ainda afirma que o aprendizado e o desenvolvimento das crianças estão

correlacionados e se inicia desde os primeiros dias de vida, muito antes de frequentar a escola. Sendo assim, o convívio social familiar permite para a criança o significado pronto das palavras, do qual ela vai formar o seu próprio modo de pensar.

Neste sentido, tratando-se da surdez e do desenvolvimento cognitivo de uma criança surda, as possibilidades são apenas diferentes em comparação das crianças ouvintes, visto que a linguagem não depende da natureza ou o material utilizado, com o uso eficiente dos signos sua função será correspondente a da fala para o desenvolvimento da consciência e pensamento, sucedendo sua aquisição através de diálogos e conversações que surge nas relações sociais, sendo esse, indispensável para a consolidação das capacidades potenciais das crianças.

Rodriguero (2000), disserta que as relações sociais do indivíduo ocorre por meio da linguagem e pensando na surdez torna-se inacessível, e em muitos contextos impossível, o acesso às formas de linguagem que dependam dos recursos da audição, conseqüentemente, torna-se primordial a inserção de uma linguagem que conceba condições propícias ao aumento das relações interpessoais, facilitando o desenvolvimento cognitivo e afetivo da criança surda, e não considerando a oralização o único meio viável para isso.

Quando inserida na cultura ouvinte, a criança surda absorverá aspectos mesmo que sutis dessa cultura, com uma estimulação adequada. Tais aspectos poderão ser internalizados e evitando um atraso da linguagem e, por conseguinte atraso ou danos no desenvolvimento cognitivo, quem tem um papel determinante nesse desenvolvimento da criança de primeiro momento serão os adultos cuidadores ou os pais, uma vez que são eles que cuidam delas e fazem o papel de mediadores entre a criança e as pessoas com as quais ela não convive de maneira intensiva (RODRIGUERO; YAEGASHI, 2013).

As autoras Rodriguero e Yaegashi (2013), ainda relatam que uma criança surda de nascença com acesso a uma língua visual-gestual proporcionada pelos pais ou adultos cuidadores espontaneamente, desenvolvem uma linguagem sem prejuízos no desenvolvimento cognitivo. Os estudos sobre a aquisição da língua de sinais revelam que esse processo ocorre em período semelhante à aquisição da língua oral por ouvintes, pelo fato da língua de sinais ser língua natural de todo surdo, e seguindo a perspectiva bilíngue quando mais velha depois de desenvolver suas funções cognitivas ela poderá aprender também a língua oral como forma de participar de um modo ativo da cultura na qual os pais estão inseridos (RODRIGUERO; YAEGASHI, 2013).

Cappellini (2019), menciona um estudo realizado por Ludi e Luciano (2010) que teve como objetivo observar e discutir o desenvolvimento de linguagem em Libras de crianças surdas, na relação com pares surdos e um adulto surdo, nas oficinas de Libras na brinquedoteca realizados na escola. Nesse levantamento, foi apontado que o desenvolvimento de linguagem por crianças surdas leva para duas realidades bem distintas; crianças surdas, filhas de pais surdos e crianças surdas, filhas de pais ouvintes. No primeiro contexto, a criança surda filha de pais surdos, compartilha de uma língua visual-gestual a Língua de Sinais, e não se observa atraso no desenvolvimento da linguagem, como já dito anteriormente, sendo exatamente igual quando comparado ao desenvolvimento de crianças ouvintes filhas de pais ouvintes, o que confirma os fatos trazidos por Rodriguero e Yamashi (2013) acima.

Com relação ao segundo contexto apontado por Lodi e Luciano (2010), “as estatísticas apontam que aproximadamente 94% das crianças surdas nascem em famílias ouvintes”. Grande parte dos profissionais da área da saúde ao realizarem o diagnóstico da surdez, orientam as famílias na busca das medidas reabilitadoras com ênfase no desenvolvimento da oralidade e habilidades auditivas, dessa forma em poucos casos a Língua de Sinais é apresentada como possibilidade concreta de desenvolvimento gerando atrasos significativos de linguagem e de todo o processo de desenvolvimento cognitivo (CAPPELLINI, 2019).

Visto a importância da língua de sinais para o desenvolvimento do indivíduo surdo para se reconhecer como único em suas particularidades desenvolvendo sua identidade, sua formação enquanto sujeito, é possível identificar os caminhos diversos pelos quais os familiares optam a respeito da escolha da comunicação para as crianças surdas, considerando que alguns buscam pela língua de sinais após um resultado pouco satisfatório no processo de oralização. Alguns familiares que já têm acesso ao conhecimento sobre a língua de sinais, especialmente pelos profissionais da área da educação ou por outras famílias que viveram a experiência com esta língua, buscam ofertar ao sujeito surdo o máximo de oportunidades possíveis, sendo algumas delas: a Língua de Sinais, prótese auditiva e oralização (CAPPELLINI, 2019).

Assim como nos apontou Souza (2018) apud Cappellini (2019, p. 48), grande parte das famílias ainda deseja que a pessoa surda use a oralidade, para que não necessite se dedicar ao aprendizado de uma língua estranha ao seu convívio e mesmo com algumas mudanças ao aceite da Libras pelas famílias, ainda são raras aquelas que conseguem estabelecer uma comunicação efetiva com seus membros surdos. E para que o desenvolvimento da linguagem

seja favorecido em contextos significativos, os interlocutores e familiares ouvintes devem se empenhar em conhecer a cultura surda e comunicar-se de forma fluída e interessada.

Conseqüentemente, as pessoas surdas ficam em desvantagem diante de uma sociedade ouvinte que utiliza uma língua numa modalidade oral-auditiva inacessível a elas, principalmente por seu primeiro grupo social: a família (CAPPELLINI, 2019). Deste modo torna-se de extrema importância abordar tais aspectos psicológicos com as famílias, a fim dessas restrições e minimizar os entraves do ambiente doméstico.

1.3 Objetivos

Considerando as discussões apontadas, compreendemos que as crianças surdas são, em sua maioria, filhas de pais ouvintes e que a comunicação no ambiente familiar é algo complexo, que pode gerar entraves em outras esferas da vida da criança.

Deste modo, identificar o que as pesquisas têm produzido acerca da família dos sujeitos surdos faz-se relevante, pois a família é a base das relações sociais. Considerando que a comunicação por meio da língua de sinais é um direito da criança surda assegurado por lei (BRASIL, 2002) e que, muitas vezes, a família não consegue se comunicar com o filho surdo, a temática se mostra um campo fértil para pesquisas e que necessita de discussões aprofundadas.

Diante do exposto, o presente estudo tem como objetivo identificar as pesquisas produzidas sobre familiares de surdos e língua de sinais, no Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), *Scientific Electronic Library Online* - ScieELO e Google Acadêmico nos últimos dez anos (2011 a 2021).

Como objetivos específicos pretende-se:

- Identificar as produções mais atuais sobre a temática;
- Quantificar as produções;
- Categorizar as produções quanto ao que se discute prioritariamente sobre a relação entre famílias de surdos e língua de sinais.

2. METODOLOGIA

2.1 Pesquisa Bibliográfica

A pesquisa bibliográfica é entendida como uma revisão da literatura das principais teorias que norteiam o trabalho científico. Pizzani, *et al.* (2012) explicam que esse tipo de revisão é o que chamamos de levantamento bibliográfico ou revisão bibliográfica, que pode ser realizada em fontes como livros, periódicos, artigos de jornais e sites da Internet e quando é bem elaborada, pode gerar hipóteses ou explicações, que servirão de ponto de partida para pesquisas futuras principalmente quando se trata de um assunto pouco explorado.

É a revisão de literatura que norteia e traz a base para a realização de qualquer pesquisa, sendo essa uma etapa primordial antes do desenvolvimento de um estudo, artigo, tese ou dissertação. Gil (2002), relata sobre as vantagens e desvantagens desse tipo de pesquisa bibliográfica, sendo vantajoso o fato de permitir que o pesquisador tenha uma série de fenômenos, maiores do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Como desvantagem, o autor apresenta que em determinadas situações as fontes secundárias expõem os dados coletados de maneira equivocada e acaba sendo uma fonte de reprodução e ampliação de dados errôneos.

2.2 Procedimentos de Coleta de dados

Para iniciar a pesquisa, optou-se por utilizar três portais de pesquisa, sendo, a SciELO Brasil um portal de revistas brasileiras que organiza e publica textos completos de revistas na internet, o Portal de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e o Google acadêmico, por ser um repositório de teses, artigos científicos, resumos, monografias, dissertações e livros, abrindo mais possibilidades de artigos devido a escassez de pesquisas sobre a temática.

2.3 Critérios de inclusão e exclusão

Como critérios de inclusão dos trabalhos foram utilizados: o trabalho ser do tipo artigo científico completo e em português, o ano de publicação ser os últimos 10 anos, ou seja, de 2011 até abril de 2021, pelo fato do objetivo da pesquisa ser o mapeamento dos estudos mais recentes. As palavras utilizadas para a busca de dados foram: Surdez; Comunicação; Família; Libras; Língua de Sinais, Educação Especial e Interação.

2.4 Procedimentos de análise de Dados

Após a busca e a categorização dos trabalhos de acordo com os critérios estabelecidos e as palavras e termos utilizados na busca, foram encontrados 13 artigos na plataforma da SciELO Brasil, sendo que apenas 5 deles tinham relação com a temática; no Portal Capes foram encontrados 17 artigos, sendo apenas 3 dentro do tema; e no Google acadêmico foram encontrados 149 resultados, sendo 13 relacionados com o tema e dentro dos critérios definidos. Ao final do levantamento, totalizou-se 21 artigos para serem lidos e analisados que falam sobre familiares ouvintes, filhos surdos e língua de sinais.

Após a leitura dos artigos, foram identificados os assuntos mais frequentes ou mais discutidos, possibilitando a criação de eixos temáticos. Foram estabelecidos para análise em (1) Diagnóstico e Orientação profissional aos Pais de Surdos, (2) Relação família ouvinte e filho surdo, (3) Desenvolvimento do sujeito surdo.

Quadro 1- Quantificação dos resultados encontrados nos portais de pesquisa

Portal	Resultados	Relacionados com a temática
SciELO	13	5
CAPES	17	3
Google Acadêmico	149	13
Total de artigos encontrados	178	21

Fonte: Elaborado pela autora com base na busca nos portais de pesquisa

Quadro 2- Caracterização dos artigos encontrados e analisados

Portal	Título	Autor / Ano de publicação
Capes	Surdez e família: facetas das relações parentais no cotidiano comunicativo bilíngue	(KELMAN et al., 2011)
SciELO	O ponto de vista de pais e professores a respeito das interações linguísticas de crianças surdas	(SCHEMBERG; GUARINELLO; MASSI, 2012)

Capes	Família e surdez: algumas considerações sobre o impacto do diagnóstico e a necessidade de orientação	(LEBEDEFF, 2012)
Scielo	Surdez: da suspeita ao encaminhamento	(SILVA; PEREIRA; ZANOLLI, 2012)
Google Acadêmico	Estudo de um caso de surdez: aspectos envolvidos na formação da identidade do indivíduo surdo	(SANTOS; CLAUDIO, 2012)
Google Acadêmico	Reflexões sobre as interações linguísticas entre familiares ouvintes -filhos surdos	(GUARINELLO et al., 2013)
Google Acadêmico	O processo de aquisição da linguagem na perspectiva dos pais de alunos surdos	(CRUZ, 2014)
Google Acadêmico	Pais ouvintes e filho surdo: dificuldades de comunicação e necessidade de orientação familiar	(STELLING et al., 2014)
Scielo	As Formas de Comunicação e de Inclusão da Criança Kaiowá Surda na Família e na Escola: um Estudo Etnográfico	(BRUNO; LIMA, 2015)
Scielo	Ser irmão de uma pessoa surda: da infância à fase adulta	(YAMASHIRO; LACERDA, 2016)
Google Acadêmico	O deficiente auditivo e os desafios parentais em manter uma comunicação	(SILVA; BATISTA, 2016)
Google Acadêmico	Pais ouvintes, filho surdo: causas e consequências na aquisição da Língua de Sinais como primeira língua	(SANTOS; CARVALHO, 2016)
Google Acadêmico	O outro entre os meus: relações familiares, usos do celular e cultura surda emergente	(PANTOJA; NASCIMENTO, 2017)
Capes	Interação família-escola no desenvolvimento do aluno surdo	(FALEIRO; FARIAS; DA SILVA, 2017) dez
Google Acadêmico	A importância das inter-relações familiares na constituição da linguagem do surdo bilíngue: um estudo de caso	(BRAYNER; ALMEIDA, 2019)
Google Acadêmico	Portfólio Eletrônico: alternativa didática para o ensino de Libras a familiares	(GASQUE, 2019)

	ouvintes de crianças surdas.	
Google Acadêmico	As tarefas escolares como potencializadoras da comunicação em famílias com crianças surdas	(SOARES, 2019)
Google Acadêmico	Aquisição da linguagem por crianças surdas com pais ouvintes	(VILELA; MARTINS, 2019)
Google Acadêmico	As interações comunicativas entre familiares ouvintes e sujeitos surdos: possibilidades de ressignificações	(CAPPELLINI; SANTOS, 2020)
SciELO	Interação entre a família e a criança/adolescente com deficiência auditiva	(THOMAZ et al., 2020)
Google Acadêmico	A participação da família ouvinte no desenvolvimento de criança surda: relato de uma experiência	(VIANA; TOMASI, 2020)

Fonte: Elaborado pela autora com base na busca nos portais de pesquisa

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste capítulo, são apresentadas as análises e discussões dos artigos selecionados, que estão categorizadas de acordo com temas recorrentes sobre as relações entre familiares de surdos e a língua de sinais.

3.1 Diagnóstico e Orientação profissional aos Pais e Familiares de Surdos

Observou-se que um dos assuntos mais recorrentes nas pesquisas foi o momento do diagnóstico e a orientação que os pais e familiares de surdos recebiam dos profissionais da área da saúde. Silva, Pereira e Zanolli (2012), em uma pesquisa que ocorreu com dez mães ouvintes com filhos surdos, traz que a maior parte das mães suspeitaram antes mesmo do diagnóstico que havia algo com os filhos, pelo fato deles não reagirem de maneira comum a alguns barulhos. Mas ao levarem essas indagações aos pediatras, as dúvidas não eram investigadas e explicadas, o que ocasionou que essas mães recebessem o diagnóstico de seus filhos tardiamente.

As autoras também abordam que em casos onde a perda auditiva não é profunda, existe uma demora maior para ter uma suspeita, conseqüentemente um diagnóstico tardio da surdez, tanto pelos familiares quanto pelos médicos. Assim, “quanto maior for o resíduo auditivo, mais difícil é constatar que a criança não está ouvindo, uma vez que a resposta a sons mais fortes e graves acaba mascarando a incapacidade da criança em compreender os sons da linguagem falada” (SILVA; PEREIRA; ZANOLLI, 2012, p. 261).

No que se refere ao momento da suspeita e do diagnóstico da surdez, Stelling *et al.* (2014), afirmam que:

Na atualidade, a surdez pode ser detectada logo após o nascimento. A triagem auditiva neonatal, conhecida como “teste da orelhinha”, objetiva avaliar a audição em recém nascidos para o diagnóstico precoce de perda auditiva. Esse exame deve ser realizado, a partir do nascimento, preferencialmente, nos primeiros três meses de vida do bebê. A técnica mais utilizada é o exame de Emissões Otoacústicas Evocadas (EOA), um exame indolor, de rápida execução (com tempo médio de 5 minutos). O resultado é informado logo ao final do exame. Um protocolo de avaliação junto com o laudo é enviado à família e ao médico solicitante. Quando houver suspeita de deficiência, a partir da triagem auditiva, a criança será encaminhada para avaliação otológica e audiológica completa.

O diagnóstico precoce é fundamental para reduzir os efeitos da angústia que os pais acabam passando por não saberem o que acontece com o filho, sendo essa uma condição que pode afetar a relação afetiva e emocional entre o bebê e seus pais, nesse período inaugural do

desenvolvimento da criança. Em relação à prevenção de qualquer dificuldade em termos linguísticos, comunicativos, cognitivos, sociais e emocionais que a criança possa enfrentar, o diagnóstico precoce também pode vir a prevenir e diminuir essas questões (SILVA; PEREIRA; ZANOLLI, 2012).

Gilbey (2010) apud Silva, Pereira e Zanolli (2012, p. 261) cita uma avaliação a qual aborda que 50% dos pais manifestaram uma insatisfação em relação à maneira com que receberam a notícia sobre o diagnóstico da surdez do filho, sendo algumas das queixas mais recorrentes a maneira como as informações foram transmitidas de forma direta, sem empatia e com pouca informação.

Ainda dentro da temática, Thomaz *et al.* (2020, p. 2) declaram que:

É possível notar que a falta de recursos psicológicos e de apoio profissional dificulta a tomada de decisões e a estabilidade emocional dos pais. É constatado que o casal se sente perdido após o recebimento do diagnóstico, justificando os sentimentos de fragilidade e angústia. O preparo dos profissionais é essencial para que a família consiga planejar um futuro diante desse novo contexto.

Considerando a literatura e assim como abordado no Capítulo 1, após o recebimento do diagnóstico, a maioria das famílias passa por um choque e em alguns casos vivem um intenso processo de luto, sentindo culpa, pena e até um obstáculo comunicacional e afetivo com a criança. Para Thomaz *et al.* (2020, p. 2):

[...] o diagnóstico da deficiência auditiva pode ser encarado mediante forte abalo sobre a família, transformando as relações familiares, podendo ocorrer desordem, conflitos e dificuldades devido aos possíveis problemas de comunicação entre seus membros, exigindo a participação de todo o núcleo familiar no processo de adaptação.

Nesse contexto, Yamashiro e Lacerda (2016) salientam a falta de profissionais que orientem e acolham os familiares dos surdos, e que quando as necessidades dos pais e dos irmãos são atendidas é possível fortalecer laços afetivos e estabelecer uma comunicação mais eficaz.

O que é comum após o diagnóstico, segundo Stelling *et al.* (2014), é a indicação e recomendação por parte de médicos otorrinolaringologistas e por fonoaudiólogos a estimulação auditiva, leitura labial, cirurgia para o implante coclear e outros dispositivos eletrônicos auditivos, que tem como foco a reabilitação e oralização dos indivíduos surdos. Os

pais em um momento de angústia e desinformação acerca da surdez, optam por determinadas metodologias de intervenção e estimulação.

Stelling *et al.* (2014, p. 22) ainda complementam e refletem:

[...] a família, comumente, recebe as primeiras orientações dos profissionais de saúde, a esses pais não é dada a oportunidade de conhecerem a surdez pelo prisma do enfoque cultural, onde a língua de sinais é adquirida de modo natural, e pode vir a solucionar o problema do bloqueio de comunicação entre pais ouvintes e filho surdo. No enfoque cultural e na alternativa educacional de educação bilíngue, onde a criança surda adquire a Libras com seus pares surdos e aprende a Língua Portuguesa escrita, os pais devem aprender a língua de sinais o mais precocemente possível.

Desse modo, pode-se perceber que há uma necessidade de profissionais da saúde comum a formação mais humanizada e preparada para que ocorra uma orientação mais adequada para os familiares de crianças surdas. Considerando que, são eles os primeiros a orientar e instruir esses pais que segundo a literatura, se instruídos da melhor maneira, podem desde o princípio procurar intervenções que respeitem a identidade e a diferença linguística dos seus filhos surdos.

3.2 As relações e interação família ouvinte e filho surdo

Durante as análises dos artigos notou-se que a temática “Interação família ouvinte e filho surdo” foi a mais abordada nos artigos lidos, sendo a relação estabelecida entre a família ouvinte e o filho algo fundamental e de grande importância para o desenvolvimento do sujeito surdo.

A literatura ressalta o fato de existirem poucas pesquisas sobre a temática e torná-la escassa em informações, e no que se refere a interação entre família ouvinte e filho surdo, essa é caracterizada pelo surgimento constante de fragilidades e potencialidades, de acordo com a comunicação estabelecida entre os entes. Sobre a escassez de pesquisas que abordam sobre o tema Thomaz *et al.* (2020) afirmam que:

[...] existem muitas lacunas relacionadas à restrita produção científica sobre a temática, havendo maior enfoque no desenvolvimento da comunicação oral e escrita da população com deficiência auditiva em comparação com a população ouvinte, do que na interação dessa população com suas famílias e com a sociedade.

Deve-se compreender as subjetividades de cada família e as diferentes maneiras de vivenciar o fato de ter um filho surdo e a escola pode ter um importante papel no sentido de

instruí-las e direcioná-las para atendimentos e serviços de apoio, minimizando o desconhecimento acerca da surdez e estreitando os vínculos familiares (FALEIRO; FARIAS; DA SILVA, 2017).

Após o diagnóstico de um filho com surdez, a família passa por um processo de enfrentamento e a necessidade de aprender e se reorganizar de acordo com a nova rotina e realidade, atendendo às necessidades da criança. Thomaz *et al.* (2020) aponta que:

Ser surdo com pais ouvintes gera um impacto de culturas, principalmente de linguagem, diminuindo consideravelmente a comunicação entre pais e filhos. Entretanto, o conflito existente devido aos estigmas da surdez, o despreparo e a dificuldade de aceitação podem acarretar na dissolução da família.

Uma das maneiras que os familiares encontram para a minimização das barreiras comunicacionais dentro do núcleo familiar é criar gestos caseiros e um dialeto próprio, o que pode caracterizar-se como uma adequação entre a língua de sinais e a língua portuguesa, a fim de fazer com que a o surdo entenda a ideia que esses familiares querem transmitir e com que desse modo ele também consiga se expressar (THOMAZ *et al.*, 2020).

Ao que se refere aos gestos caseiros, não se trata de uma língua que precisa ser composta por estágios e parâmetros linguísticos, os gestos caseiros não possibilitam que o indivíduo surdo tenha conversas mais profundas e questionamentos da vida com seus familiares e com as demais pessoas para além desse círculo, sendo assim, também não ocorre a formação de uma identidade social (BRUNO; LIMA, 2015); (VILELA; MARTINS, 2017).

Em uma pesquisa feita por Guarinello *et al.* (2013), é apresentado que existem diversas dificuldades dos familiares diante das possibilidades de compreender e de serem compreendidos pelas crianças surdas. Essa pesquisa foi realizada com um grupo de familiares de surdos que passavam por atendimentos em uma clínica de fonoaudiologia do Paraná e durante esses encontros as autoras refletiram sobre os discursos produzidos por familiares ouvintes a respeito da comunicação cotidiana em seus lares com seus filhos surdos.

Em um trecho, Guarinello *et al.* (2013) já afirmava o que foi trazido por Thomaz *et al.* (2020):

Ao serem questionados sobre como estabelecem a comunicação com o filho surdo, todos os pais apontaram que se comunicam por meio da fala. Dentre eles, apenas uma mãe afirmou fazer uso ocasional dos sinais. Além disso, ao serem questionados se já fizeram algum curso de língua de sinais, apenas uma das mães apontou que sim. Entretanto, ela não utiliza dessa língua para relacionar-se com o filho (GUARINELLO *et al.*, 2013, p. 25).

Para Santos e Carvalho (2016, p. 194), a utilização de dialetos e gestos caseiros:

[...] demonstram a carência de uma língua para a criança no momento em que ela mais precisa se comunicar: ao conversar com pais ou amigos, ao contar algo, tirar dúvidas ou simplesmente questionar os “porquês” sobre o que existe no mundo. Nessa perspectiva, com tantas barreiras para o desenvolvimento, principalmente linguístico, da pessoa surda, é necessário que se abra um leque de reflexões sobre o avanço das formas de ensino e aprendizado nesse contexto, já que o desenvolvimento linguístico se dá desde a primeira infância.

Yamashiro e Lacerda (2016), salientam que é devido às limitações na comunicação e ausência de diálogos mais profundos e íntimos dos familiares com o indivíduo surdo que faz com que ele sinta-se excluído, resultando em impedimento da formação de laços familiares mais fortes entre família-filho surdo.

Diante do exposto, também podemos trazer a existência de alguns contextos em que um único familiar é encarregado por compreender e interpretar a fala do indivíduo surdo, para todos os outros familiares. Isso pelo fato desse familiar ser o único que estudou ou compreende de modo básico Libras, o que pode afetá-lo gerando uma maior responsabilidade e sobrecarga sobre o cuidado, bem estar e interação do surdo com os demais familiares (THOMAZ et al., 2020).

Oliveira *et al.* (2004) apud Yamashiro e Lacerda (2016, p. 377), exemplificam uma pesquisa que indica:

[...] que a mãe em geral é quem melhor se comunica com o filho surdo. Nessa direção, destaca-se a importância de que os profissionais envolvidos com o cuidado da pessoa surda estejam também atentos para as necessidades de outros membros de sua família, especificamente dos pais e dos irmãos, de modo a favorecer o acesso a informações relativas à deficiência e acolhimento não somente às mães, pois acredita-se que tal estímulo possa favorecer o estabelecimento de uma melhor comunicação e fortalecimento de laços.

Quanto à relação entre irmãos, Yamashiro e Lacerda (2016) realizaram uma pesquisa com proposta de analisar a experiência de irmãos de pessoas surdas acerca de sua história de vida e das implicações da deficiência nos relacionamentos fraternos; tendo como participantes cinco irmãos de pessoas surdas com idade entre 31 a 44 anos. As autoras obtiveram como resultados que a dificuldade de comunicação entre os participantes e seus irmãos surdos teve influência direta nas questões nos relacionamentos desde a infância até a fase adulta,

igualmente aos demais familiares de surdos que não estabeleceram uma comunicação em língua de sinais.

Bruno e Lima (2015) e Yamashiro e Lacerda (2016) alegam que os irmãos de surdos necessitam ter informações corretas e completas de acordo com suas dúvidas referente a surdez do irmão, um fato que novamente evidencia a importância de que os profissionais da saúde atuem junto aos demais familiares, não só com as mães desses indivíduos surdos. Desse modo, evita-se uma sobrecarga para a mãe e os demais familiares desenvolvem compreensão e cooperam na transformação da nova rotina.

Lebedeff (2012 p. 1), acrescenta que:

Os pais estão tão envolvidos com as questões do filho surdo que deixam de perceber as necessidades das outras crianças. Muitas vezes os pais colocam mais pressão nas crianças ouvintes para terem maior sucesso de maneira a compensar a surdez do outro. Além disso, as crianças ouvintes podem ser encorajadas a serem mais independentes enquanto o surdo é superprotegido. [...] os ciúmes naturais são intensificados, e o filho surdo pode ser visto pelos outros filhos como o favorito de seus pais.

É explícito que a falta de participação dos filhos nas atividades familiares é justificada pela falta de uma língua em comum para que se estabeleça trocas dialógicas efetivas, que fortaleçam os laços e vínculos familiares. Dessa maneira, afetando o desenvolvimento do indivíduo surdo, a construção da sua identidade e subjetividade. Mas qual alternativa a literatura traz para solucionar ou minimizar essa problemática?

Silva, Pereira e Zanolli (2007) trazem que para que os pais escolham o melhor caminho para seguir com o seu filho surdo é necessário que lhes sejam apresentadas todas as bases e informações, não apenas o enfoque clínico, mas também o cultural. Sendo assim, a família terá um conhecimento mais profundo de todas as metodologias, técnicas e recursos existentes e escolher a mais segura para seguir com a criança surda.

Stelling *et al.* (2014 p. 23), exemplifica que:

É preciso que alguém os informe para se tornarem pais de filho surdo, pois, por mais que se procure reabilitar ou “curar” a deficiência auditiva, essa criança não será equiparada totalmente à normalidade sensorial de uma criança ouvinte. A família deve ver seu filho tal como ele é, independentemente do quanto ele estiver reabilitado auditivamente.

Uma estratégia abordada por Faleiro, Farias e Silva (2017), sugere o oferecimento de cursos de Libras pelas escolas para os familiares de indivíduos surdos, pois assim um meio de comunicação será estabelecido entre família ouvinte- filho surdo, favorecendo a interação no ambiente familiar, e a criação de relações emocionais, cognitivas e sociais; tendo em vista que os familiares podem ter conversas mais profundas com os filhos.

Kelman *et al.* (2011, p. 15) ainda complementa:

[...] o acompanhamento de familiares de crianças surdas não pode ser meramente informativo (conteudístico) sobre questões gerais da surdez. Precisa, sim, acolher questões de relações parentais, que necessitam de intervenções psicológicas e formativas mais profundas. Nesse sentido, um enfoque psicoeducacional pode ser mais produtivo e significativo para mães, pais, responsáveis e filhos/filhas, especialmente, por envolver experiências em grupo em que as situações individuais são compartilhadas (ressignificadas) na esfera coletiva.

Desse modo, Yamashiro e Lacerda (2016) e Thomaz *et al.* (2020) reforçam a magnitude dos profissionais da saúde e posteriormente da escola na disseminação de informações completas e adequadas para todos os familiares envolvidos com a pessoa surda., Dessa maneira, diminuindo a sensação de culpa, pensamentos e visões negativas a respeito do indivíduo surdo, respeitando sua cultura, subjetividade e potencializando os laços afetivos e vínculos familiares tão importantes para o pleno desenvolvimento sadio da criança surda.

3.3 Desenvolvimento do sujeito Surdo

Teóricos linguistas e do desenvolvimento humano apontam que é a partir das interações entre uma criança e o ambiente que ocorre o desenvolvimento da linguagem e do pensamento, considerando a qualidade dessas relações o seu desenvolvimento pode ser afetado positivo ou negativamente. E quando pensamos em uma criança surda inserida em um ambiente em que todos são ouvintes e utilizam uma língua diferente da sua, nos mostra que algo que influencia no seu desenvolvimento é a conduta que a família toma em relação à língua de sinais (KELMAN *et al.*, 2011).

Schemberg, Guarinello e Massi (2012), fizeram um estudo que teve como objetivo analisar o ponto de vista de pais e professores a respeito das interações linguísticas de crianças surdas no âmbito familiar e escolar, considerando o contexto da inclusão. Nesse estudo, as autoras entrevistaram doze familiares, sendo quatro pais e oito mães de crianças surdas que frequentavam o ensino regular. E aplicaram um questionário junto a doze professores dessas

mesmas crianças. Como resultado encontraram que tanto os familiares quanto os professores apresentavam um desconhecimento acerca da surdez, da língua de sinais e das consequências da ausência de uma comunicação para o surdo; nem os familiares nem os professores usam a língua de sinais para interagir com os surdos, gerando interações linguísticas restritas e pouco efetivas.

Schemberg, Guarinello e Massi (2012), afirmam que essa falta de participação nas interações familiares devido a uma barreira linguística interfere na imagem da pessoa surda a respeito de si mesmo, na sua formação social e dos papéis sociais que eles ocupam na família. As autoras ainda trazem um questionamento que vai ao encontro do que é defendido por Kelman et. al. (2011), em relação ao desenvolvimento humano: "se não participam efetivamente do contexto familiar, como uma criança pode se constituir na e pela linguagem?" (SCHEMBERG; GUARINELLO; MASSI, 2012, p.24).

Santos e Carvalho (2016), confirmam que quando não é considerada a habilidade visual-gestual que tem-se na Libras para a escolha da modalidade de comunicação, e toma-se a comunicação oral como primeira língua e o desenvolvimento da criança surda que é acometido por essa escolha da família. E ainda salientam a respeito ao desenvolvimento da criança surda que:

No que diz respeito aos âmbitos comunicacional e social, isso pode impactar seu presente e seu futuro. Quando o surdo encontra, em sua infância, falta de apoio para desenvolver-se, os ecos deste início de aprendizado prejudicado serão identificados por toda a sua vida, sendo mais difícil, para o surdo, encontrar o seu próprio caminho (SANTOS; CARVALHO, 2016 p. 199).

Referente à formação de identidade do indivíduo surdo, Santos e Claudio (2012, p. 92), afirmam:

A qualidade da formação da identidade do indivíduo está diretamente relacionada a sua autoestima e autoimagem, as quais vêm sendo formadas durante seu desenvolvimento pela interação com a família, e esta, por sua vez, baseada na maneira como a surdez foi assimilada e tratada desde a chegada do filho surdo. Esse processo interativo do desenvolvimento, segundo Gesueli (2008), pode ser prejudicado devido à distorção da visão social do indivíduo, mais particularmente da criança surda, considerada como ouvinte deficiente e não como surda e, portanto, preparada intelectualmente como tal, tendo em sua formação a premissa básica da surdez.

De acordo com Santos e Claudio (2012), a participação do sujeito surdo em ambientes e grupos com outros surdos é um fator benéfico para a consolidação e constituição da sua

identidade e autoestima. Essa integração torna-se necessária principalmente se durante o período de desenvolvimento psicossocial da criança os laços formados com a família não foram de confiança, pois ali o sujeito estaria em contato com sua cultura, onde poderia compartilhar vivências e sentir-se acolhido e compreendido.

As autoras reafirmam isso dizendo que:

Tendo em vista que a comunidade surda partilha de experiências pertencentes ao seu próprio universo, a compreensão de aspectos vivenciais e peculiares da surdez, o desenvolvimento de conceitos e idiosincrasias são facilitados pelo uso da Libras, que, por ser uma linguagem visual e conceitual, é mais facilmente assimilada (SANTOS; CLAUDIO, 2012, p. 92).

Contudo, baseando-se nos poucos estudos que envolvem e abordam o assunto, é possível notar que não existe uma fórmula certa referente ao desenvolvimento social e cognitivo da criança surda filha de pais ouvintes, mas quando essa criança tem a língua de sinais como primeira língua, passa por atendimento especializado com um profissional surdo, estuda em uma escola bilíngue e tem pais que se comprometem a aprender Libras respeitando a identidade surda, essa criança/ indivíduo surdo passa ter a oportunidade de conhecer e conviver com a cultura delas e seguem um caminho mais seguro ao que se refere ao seu desenvolvimento (VIANA; TOMASI, 2020, p. 183).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a análise realizada através da revisão bibliográfica, a qual buscou identificar as pesquisas produzidas sobre familiares de surdos e língua de sinais, no portal de periódicos da CAPES, Scielo e Google Acadêmico nos últimos dez anos, consideramos que o objetivo deste trabalho foi atingido.

A maioria das crianças surdas nasce em famílias ouvintes, considerando que a comunicação é a base para a criação de laços afetivos e para o desenvolvimento social e subjetivo de qualquer indivíduo, nasce a necessidade de pesquisas e investigações acerca do desenvolvimento da criança surda inserida em um ambiente familiar ouvinte, onde existe uma diferença cultural e linguística e possivelmente, um contato tardio com a Libras.

Nesse levantamento bibliográfico, notou-se uma falta de pesquisas que abordam essa temática, sendo esse um campo muito fértil para uma investigação mais profunda sobre o impacto no desenvolvimento cognitivo do sujeito surdo pela falta de uma língua visual-gestual. Porém, ainda assim analisando os estudos encontrados foi possível encontrarmos caminhos cabíveis e mais promissores para seguirmos.

Um eixo que aparecia com muita frequência nos estudos era o momento em que os profissionais da saúde informam sobre o diagnóstico para os pais, sendo essa uma notícia dada sem considerar as questões emocionais e a possibilidade de instrução e acompanhamento psicológico para os familiares surdos. Podemos afirmar que existe um despreparo e desconhecimento na formação desses profissionais sobre a surdez e sua abordagem para além do enfoque clínico.

Um diagnóstico precoce é essencial para a diminuição do sentimento de culpa da família e quando esse diagnóstico vem acompanhado de suporte, orientação e acolhimento é ainda mais eficaz para que a família conheça a surdez por um enfoque cultural, que diminua ou extingue as barreiras comunicacionais e afetivas com o indivíduo surdo.

Apresentado no eixo temático “relação e interação entre família ouvinte e filho surdo”, as barreiras comunicacionais e afetivas fazem com que o indivíduo surdo não se sinta pertencente àquele ambiente, logo que não será possível o estabelecimento de uma comunicação mais profunda a partir da Libras.

Nesse sentido, novamente trazemos a importância de orientação profissional e posteriormente um acolhimento por parte da equipe escolar, proporcionando além de

instruções conteudísticas, um espaço para o aprendizado da Libras e uma troca de experiências entre as famílias sobre suas vivências e experiências considerando que cada uma tem sua subjetividade e diferentes maneiras de educar um filho surdo.

Intervenções e atendimentos dentro dessa proposta estreitariam as relações entre família ouvinte e filho surdo, em que a família conseguiria conhecer e respeitar a identidade e cultura surda do filho, que por consequência, não ficaria distante dos momentos de trocas familiares como trazido pela literatura. E com uma boa qualidade dessas relações afetivas, teria um menor impacto na autoestima e autoimagem do sujeito surdo.

Os resultados apontam, portanto, a necessidade de mais produções nessa temática, a fim de encontrar melhores caminhos para que os profissionais da saúde e da educação tenham maior conhecimento da cultura e da comunidade surda. E que assim, possam instruir, orientar e acolher familiares de surdos possibilitando que esses conheçam a surdez por um enfoque cultural, que não se vê como algo a ser corrigido, mas sim como uma diversidade linguística.

Pesquisas dentro dessa temática podem ser estimulantes para maiores debates a respeito de políticas públicas que agregam para o desenvolvimento ideal da criança surda, como escolas bilíngues e ensino da Libras para os familiares de surdos, considerando que não são todas as famílias que têm recursos para esses investimentos tenham acesso à orientações e um apoio profissional adequado.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a língua brasileira de sinais – Libras, e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Poder Legislativo, Brasília, DF, 25 abr. 2002. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm>. Acesso em: 05 out. 2020.
- BRAYNER, I. C. S.; ALMEIDA, M. L. A importância das inter-relações familiares na constituição da linguagem do surdo bilíngue: um estudo de caso. **Revista Ribanceira**, Pará v. 17, p. 105–115, 2019. ISSN Eletrônico: 2318-9746. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/ribanceira/article/view/3217> Acesso em: 02 set. 2021.
- BRUNO, M. M. G.; LIMA, J. M. DA S. As Formas de Comunicação e de Inclusão da Criança Kaiowá Surda na Família e na Escola: um Estudo Etnográfico. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 21, n. 1, p. 127–142, mar. 2015. Disponível: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382015000100127&lang=pt Acesso em: 03 abr. 2021.
- CAPPELLINI, M. T.; SANTOS, L. F. As interações comunicativas entre familiares ouvintes e sujeitos surdos: possibilidades de ressignificações. **Revista Educação Especial, Santa Maria**, RS, v. 33, n. 0, p. 72–123, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/48563/html> Acesso em: 02 set. 2021.
- CAPPELLINI, M. T. **Familiares ouvintes de sujeitos surdos: reflexões sobre suas interações comunicativas**. 2019. 115 f. Dissertação de mestrado. (Programa de Pós-Graduação em Educação Especial). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/11617?show=full> Acesso em: 13 jan. 2021.
- CRUZ, R. M. H. O processo de aquisição da linguagem na perspectiva dos pais de alunos surdos. **Revista Virtual de Cultura Surda**, Petrópolis, RJ. 14 ed. 2014 – ISSN 1982-6842. Disponível em: <https://editora-arara-azul.com.br/site/admin/ckfinder/userfiles/files/3%C3%82%C2%BA%20Artigo%20para%20Revista%2014%20de%20autoria%20de%20RAQUECE%20CRUZ.pdf>. Acesso em: 05 set. 2021.
- DIZEU, L. C. T. DE B.; CAPORALI, S. A. A língua de sinais constituindo o surdo como sujeito. **Educação & Sociedade**, Campinas, SP v. 26, n. 91, p. 583–597, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302005000200014&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em: 22 dez. 2020.
- EMICIDA. **Trevo, figurinha e suor na camisa**. São Paulo: Laboratório Fantasma, 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=pW5_20zAnB8. Acesso em 06 nov. 2021.
- FALEIRO, W.; FARIAS, M. N.; DA SILVA, L. C. Interação família-escola no desenvolvimento do aluno surdo. **Revista Espaço Pedagógico**, Passo Fundo, RS, v. 24, n. 3, p. 596, 2017. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rep/article/view/7768> Acesso em: 14 jun. 2021.

GASQUE. **Portfólio Eletrônico**: alternativa didática para o ensino de Libras a familiares ouvintes de crianças surdas. Orientadora: Tatiana Bolivar Lebedeff. 2019, 22 f. Artigo para programa de especialização. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019.

GIL, A. C. (1946). **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002

GILBEY, P. Qualitative analysis of parents' experience with receiving the news of the detection of their child's hearing loss. **Int J Pediatr Otorhinolaryngol** 2010;74:265-70.

GLAT, R. O papel da família na integração do portador de deficiência. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. II, n.4, p.111-118, 1996.

GUARINELLO, A. C. et al. Reflexões sobre as interações linguísticas entre familiares ouvintes - filhos surdos. **Tuiuti: Ciência e Cultura**, Curitiba, n. 46, p. 151-168, 2013. Disponível em:

https://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:5XBowchW2wwJ:scholar.google.com/+intera%C3%A7%C3%A3o+libras+%22fam%C3%ADlia+ouvinte%22+%22filho+surdo%22&hl=pt-BR&as_sdt=2007&as_ylo=2011&as_yhi=2021. Acesso em: 17 set. 2021.

HARRISON, K. M. P. Língua brasileira de sinais (Libras): aplicação a língua e suas características. In : **Língua brasileira de sinais -Libras uma introdução** . Coleção UAB – UFSCar: s.n, 2011, p.51-62.

KELMAN, C. A. et al. Surdez e família: facetas das relações parentais no cotidiano comunicativo bilíngue. **Linhas Críticas**, v. 17, n. 33, p. 349–366, dez. 2011. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/3737> Acesso em: 04 jun. 2021.

LEBEDEFF, T. Família e surdez: algumas considerações sobre o impacto do diagnóstico e a necessidade de orientação. **Revista Educação Especial**, v. 0, n. 0, p. 13–18, abr. 2012. Disponível em: <https://doaj.org/article/cf76e6dbf74b41529ce64d21de732585> Acesso em: 04 jun. 2021.

LODI, A. C. B.; LUCIANO, R. T. Desenvolvimento da linguagem de crianças surdas em língua brasileira de sinais. In: ____ ; LACERDA, C. B. F. **Uma escola, duas línguas**: letramento em língua portuguesa e língua de sinais nas etapas iniciais de escolarização. Porto Alegre: Mediação, 2010. p. 33-50.

MARCHESI, A. (1996). Comunicação, linguagem e pensamento. In: C. Call, J. PALACIOS & A. MARCHESI (Org.). **Desenvolvimento psicológico e educação**, Porto Alegre: Artes Médicas, p.200-216

NEGRELLI, M. E. D; MARCON, S. S. Família e Criança Surda. **Ciência, Cuidado e Saúde**. Maringá, v. 5, n. 1, p. 98-107, abr. 2006.

OLIVEIRA, R.G. et al. A experiência de famílias no convívio com a criança surda. **Acta Scientiarum. Health Sciences**, Maringá, v.26, n.1, p.183-191, 2004.

PANTOJA, W. W. R., NASCIMENTO, J. C. O outro entre os meus: relações familiares, usos do celular e cultura surda emergente. In: Jornada Ibero-Americana de Pesquisas em Políticas Educacionais e Experiências Interdisciplinares na Educação, nº2, Natal, 2017. **Anais**. Natal,

Nova Paideia p.1190-1202. Disponível em:

<https://www.academia.edu/34971038/O_outro_entre_os_meus_rela%C3%A7%C3%B5es_familiares_usos_do_celular_e_cultura_surda_emergente>. Acesso em: 8 out. 2021.

PIZZANI, L.*et al.* A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, SP, v. 10, n. 2, p. 53–66, 2012. DOI: 10.20396/rdbci.v10i1.1896. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1896>. Acesso em: 03 ago. 2021.

RODRIGUERO, C. R. B; YAEGASHI, S. F. R. **A Família e o Filho Surdo: uma investigação acerca do desenvolvimento psicológico da criança segundo a abordagem histórico-cultural**. Curitiba, 1ed, 2013. 112p.

RODRIGUERO, C. R. B. O desenvolvimento da linguagem e a educação do surdo. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 5, n. 2, p. 99–116, 2000. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722000000200008 Acesso em: 05 jan. 2021.

SANTOS, L. R. de L.; CARVALHO, D. M. Pais ouvintes, filho surdo: causas e consequências na aquisição da língua de sinais como primeira língua. **Revista Sinalizar**, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 190–203, 2016. DOI: 10.5216/rs.v1i2.41493. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/revsinal/article/view/41493>. Acesso em: 03 ago. 2021.

SANTOS, V. C. A.; CLAUDIO, D. P. Estudo de um caso de surdez: aspectos envolvidos na formação da identidade do indivíduo surdo. **Revista PsicoFAE: Pluralidades em Saúde Mental**, [S.l.], Curitiba, v. 1, n. 1, p. 89-99, dez. 2012. ISSN 2447-1798. Disponível em: <<https://revistapsicofae.fae.edu/psico/article/view/16>>. Acesso em: 14 set. 2021.

SCHEMBERG, S.; GUARINELLO, A. C.; MASSI, G. O ponto de vista de pais e professores a respeito das interações linguísticas de crianças surdas. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Bauru, v. 18, n. 1, p. 17–32, mar. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/LRFgJ4r8wbjq3HB44ZpXyGD/?lang=pt> Acesso em: 23 jun. 2021.

SILVA, S.F. (1988). **Experiências e necessidades de mães após o diagnóstico de deficiência mental do filho**. Dissertação de mestrado não-publicada, Curso de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP.

SILVA, R.; BATISTA, M. S. S. **O deficiente auditivo e os desafios parentais em manter uma comunicação**. [s.l: s.n.]. II Congresso Internacional de Educação Inclusiva, nov. 2016 Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/cintedi/2016/TRABALHO_EV060_MD1_SA7_ID1858_01092016204445.pdf. Acesso em: 03 set. 2021.

SILVA, A. B. P.; PEREIRA, M. C. C.; ZANOLLI, M. DE L. Surdez: da suspeita ao encaminhamento. **Revista Paulista de Pediatria**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 257–262, jun. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rpp/a/FSJSQMsmPycZxdRFFp9V73R/?lang=pt> Acesso em: 23 jun. 2021

SOARES, A. E. **As Tarefas Escolares Como Potencializadoras Da Comunicação Em Famílias Com Crianças Surdas**. Orientadora: Violeta Porto Moraes. 2019, 22 f. Artigo para programa de especialização. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019.

SOUZA, G. F. **Relações familiares entre surdos e ouvintes: análise de narrativas biográficas**. 2018. 153f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.

STELLING, E. P. et al. Pais ouvintes e filho surdo: dificuldades de comunicação e necessidade de orientação familiar. **Revista Espaço**. Rio de Janeiro, v. 0, n. 42, 2014. Disponível em: <https://www.ines.gov.br/seer/index.php/revista-espaco/article/view/106/94> Acesso em: 14 jun. 2021.

TAVEIRA, R.M.T. (1995). **Privação auditiva precoce em crianças portadoras da Síndrome de Down e suas implicações para o desenvolvimento da linguagem**. Dissertação de mestrado não-publicada, Curso de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, DF.

THOMAZ, M. M. et al. Interação entre a família e a criança/adolescente com deficiência auditiva. **Revista CoDAS**. São Paulo, v. 32, n. 6, 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2317-17822020000600302&lang=pt Acesso em: 05 abr. 2021.

VIANA, P. P. S.; TOMASI, Á. R. G. A participação da família ouvinte no desenvolvimento de criança surda: relato de uma experiência. **Brazilian Journal of Health Review**, Curitiba, v. 3, n. 6, p. 18284–18302, 2020. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BJHR/article/view/21420> Acesso em: 14 jun. 2021.

VILELA, A., MARTINS, R. Aquisição da Linguagem por crianças surdas com pais ouvintes. **Miguilim Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v.8, n.2, p.633-657, 2019. Disponível em: <http://periodicos.urca.br/ojs/index.php/MigREN/article/view/2077>>. Acesso em: 08 out. 2021.

VYGOTSKY, L. S. **O desenvolvimento psicológico na infância**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

YAMASHIRO, J. A.; LACERDA, C. B. F. DE. Ser Irmão de uma Pessoa Surda: Relatos da Infância à Fase Adulta. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 22, n. 3, p. 367–380, set. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/YZWJZgnvFYqVdXL7pQZ7nyJ/?lang=pt> Acesso em: 14 jun. 2021.